

## NOTA

### TANIA ANRADE LIMA

Beatriz Valladão Thiesen<sup>1</sup>



Curitiba, janeiro de 1987. Museu Paranaense, com sua imponente arquitetura me impressionava. Eu tinha 27 anos, escrevia minha dissertação de mestrado e, ainda que não soubesse, conhecia muito pouco do mundo. Eu havia sido selecionada para participar do Curso de Etnoarqueologia, que mudaria minha visão da Arqueologia e a visão de toda uma geração de arqueólogos brasileiros pra sempre. Na sala, sentados em círculo, estavam outros jovens (mais jovens que eu, em geral), que logo passei a conhecer: Eduardo Goes Neves, Marcia Bezerra, Madu Gaspar, Fernanda Tocchetto, Paulo Zanettini, Cláudia de Oliveira e mais alguns estudantes ávidos de conhecimento. Vinda do sul, em uma época de poucas trocas, de bibliografia difícil, eu via diante de

---

<sup>1</sup> Professora e pesquisadora em Arqueologia aposentada, Brasil. E-mail: [beatrizthiesen@yahoo.com.br](mailto:beatrizthiesen@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1037-0238>.

mim, de boca semiaberta, ícones e referências que eu mal podia imaginar estar perto. E foi então que uma mulher pequena em tamanho mas gigante em saber, roubou minha atenção: Tania Andrade Lima. Durante um mês convivemos todos, lendo, discutindo, aprendendo e experimentando. Tania Andrade Lima sempre me passava um certo ar de autoridade. Era extremamente exigente. Eu tinha um pouco de medo dela. Quando o curso terminou, minha dissertação de mestrado não fazia mais nenhum sentido. Eu queria mais. Falei com meu orientador. Ele não aceitou. Pensei em desistir e não entregar o projeto reformulado, requisito para ter o certificado do curso feito em Curitiba. Tania Andrade Lima, óbvio, me repreendeu com algo que ela repetiria muitas vezes depois: “Beatrix Thiesen! Você não vai fazer isso!” O sobrenome acrescentado ao puxão de orelhas significava que a coisa era séria. Eu refiz o projeto, obtive o certificado do curso e abandonei o mestrado. Naquela arqueologia que me exigiam na universidade, eu não acreditava mais. Anos depois resolvi voltar. Quando cheguei ao doutorado, já nos anos 2000, decidi: Tania vai ser minha orientadora. Os colegas se assustaram: “Bah! Tu és corajosa!” Daí pra frente, conheci não apenas a arqueóloga competente, séria e exigente que trouxe a discussão da importância da teoria para a Arqueologia brasileira, mas uma pessoa absolutamente admirável.

É Sílvia Peixoto que conta:

Muito antes de ser minha orientadora e mentora na Arqueologia Histórica, duas coisas me atraíram e aproximaram irremediavelmente da Tania: seu senso de humor irresistível e uma humanidade que só quem convive com ela conhece. Já partilhamos muitas coisas nessa vida: choros, crises de riso (daquelas de escorrer lágrima e doer a barriga) quartos de hotel, uns míseros biscoitinhos à beira de um ônibus enguiçado de madrugada numa estrada peruana, e muitos docinhos portugueses. Mentira, esses a gente não partilha não. Cada um com o seu!

Dia desses, já professora universitária, eu tive um sonho (ou pesadelo?), onde estava muito atrasada para chegar a tempo de apresentar seminário em uma de suas aulas. Me lembro do desespero de decepcioná-la, e, óbvio, seu olhar de reprovação. Quando acordei, imediatamente lhe escrevi cintando do sonho, e rimos muito.

É, acho que Tania nunca deixará de ser minha professora... a melhor que já tive.

Concordo, Sílvia. A melhor que já tive também.

Tania graduou-se em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá, UNESA, em 1979. Depois, fez especialização em Arqueologia no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1980 e doutorou-se em Ciências (Arqueologia) pela Universidade de São Paulo, em 1991. Realizou pós-doutorado em História Social também pela USP, entre os anos de 1993 e 1995, fundou o programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde continua orientando e dando aulas, voluntariamente. Seu currículo é extenso.

Entretanto, como já se pode perceber não falo agora das duas centenas de trabalhos apresentados, das dezenas de publicações ou das dezenas de orientados e alunos que formou em todos os cantos do país. Falo da mulher forte e humanista. Falo da mulher sensível e plena de empatia, dignidade e generosidade que sempre abriu portas para outros. Não falo apenas de portas abertas para seu alunos, que sem dúvida foram muitas. Falo do tanto que suas pesquisas abriram horizontes e possibilidades para tantas pessoas e grupos sociais. Falo sobre seus estudos sobre a burguesia nascente no Brasil e as perspectivas que permitiram aos olhos mais atentos observar as brechas no sistema capitalista. Falo da importância das pesquisas no Valongo e as demais realizadas sobre a diáspora africana e do pioneirismo em integrar o Movimento Negro nas interpretações dos achados.

Falo de espaços abertos para serem tomados. Falo pela importância de pensar sapateiros, crianças, mulheres, negros.

Obrigada, Tania, por ter sido nossa melhor professora e referência para sempre. Obrigada por tantas portas e caminhos abertos para todos nós que buscamos um mundo mais justo.